

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**Mascarados**

As máscaras definem e sustentam o lugar de cada um na sociedade e ditam as regras do jogo da vivência e das relações entre as pessoas



António João Maia

No Carnaval as pessoas não se mascaram, desmascaram-se.

É o que, em tom descontraído, costumamos comentar entre amigos por estas alturas do calendário, quando se assinala, como na próxima terça-feira, a celebração do Carnaval.

Embora a maior parte de nós não tenha noção desta dimensão, a verdade é que passamos as nossas vidas a usar máscaras, que vamos trocando – porque foi assim que nos ensinaram, na família, na religião, na escola, entre os amigos e no local de trabalho, enfim, um pouco por todo o lado – em função dos diversos contextos em que nos encontramos, e que se vão sucedendo uns aos outros.

Quantas vezes nos apetece vestir uma determinada peça de vestuário – para utilizar um exemplo simples – mas, porque vamos para um evento com determinadas características – uma festa de casamento, por exemplo – temos de usar aquela que as circunstâncias nos dizem ser a mais adequada, embora saibamos nos vai deixar menos à vontade, menos confortáveis, enfim, no limite, menos felizes. Quantas vezes nos apetece dizer “Não, porque...”, mas, porque as expectativas e as circunstâncias do contexto onde nos encontramos o aconselham, o que nos sai pela boca é um “Sim, claro”. Quantas vezes nos apetece, ao acordar pela manhã, um passeio à beira-mar para desfrutar a brisa marinha e os raios de Sol primaveril, mas temos de “mergulhar na multidão que se arrasta na chuva dissolvente” – como dizem os Xutos e Pontapés – para irmos trabalhar. Quantas vezes, ao repreendermos o nosso filho por uma traquinice que fez – bem sabendo que, quando foi a nossa vez, tanto gozo nos deu fazer algo semelhante –, estamos, sem dar conta, a contribuir para a construção das suas próprias máscaras.

Enfim, quantas vezes agimos em fun-

ção da sociedade, das pessoas que nos rodeiam e com quem partilhamos a nossa existência, as quais, pelas mais diversas formas e processos, nos vão indicando de forma permanente o que esperam de nós.

Todavia, estas máscaras, como lhes chamo, são um dos preços a pagar por vivermos em sociedade. Elas criam uma espécie de teatro em que cada actor vai apreendendo e utilizando o papel mais adequado para desempenhar em cada acto da sua vida. E todos os actores – grande parte deles sem consciência desta condição – funcionam neste registo. As máscaras definem e sustentam o lugar de cada um na sociedade e ditam as regras do jogo da vivência e das relações entre as pessoas.

De outra forma, se cada um agisse unicamente em função dos seus impulsos, das suas vontades, muito provavelmente a sociedade não existia. Em seu lugar teríamos muito provavelmente grupos de seres que viviam numa espécie de caos anárquico, sem grandes laços de relacionamento uns com os outros.

Neste contexto, rituais como o do Carnaval são importantes. São espaços privilegiados para afrouxar o peso da máscara sem censura. São pontos de libertação das tensões criadas em cada um pelo “baile de máscaras”.

Os autores das fraudes também dançam este bailado. Todavia, eles conseguem desenvolver um perfil que lhes permite, com facilidade e por vezes com grande mestria, mostrar a quem os rodeia, sobretudo às suas vítimas, uma máscara coerente com as expectativas, embora por detrás dela estejam efectivamente a desempenhar um outro papel, a ter propósitos diferentes dos que evidenciam através da máscara que mostram.

Por isso se diz, quando descobertos, que lhes “caiu a máscara”.

*Antropólogo, mestre em Sociologia
Escreve à sexta-feira*



Vidas passadas a pôr e tirar máscaras

SESSÕES CONTINUAS

LAURO ANTÓNIO

O regresso da revista à portuguesa

Afirmava aqui ontem, neste mesmo espaço, o meu amigo Fernando Dacosta “como é fabulosa a matriz da revista à portuguesa”, aplicando esta conclusão ao sucesso conhecido (e reconhecido) de “As Obras Completas de William Shakespeare”, que Juvenal Garcês agora tem em cena no Tivoli todas as segundas-feiras. O fenómeno repete-se há 15 anos, com alguma intermitência, mas sempre com êxito garantido.

Isso me fez lembrar que neste momento, em salas de Lisboa, para lá deste espectáculo, que na sua adaptação ao paladar português muito fica a dever realmente à matriz da revista, existem em cena três revistas originais: uma, no Parque Mayer, no Teatro Maria Vitória, “Lisboa Amor Perfeito”, que se assume como a mais lídima herdeira da tradição da revista, inclusive pela ocupação do seu espaço tradicional; outra, no Teatro Politeama, onde Felipe La Féria, depois do retumbante sucesso de há anos com “Passa por Mim no Rossio”, regressa com uma feérica “Grande Revista à Portuguesa”; e outra, no Nacional D. Maria II, onde o Teatro Praga instalou as trincheiras da sua “Tropa Fandanga”, uma versão mais intelectualizada do conceito de revista, mas, ainda assim, não só não renegando a matriz, como renovando-a, o que é sempre de saudar. A que se deverá pois este súbito revivalismo do conceito de revista à portuguesa? Creio que ele nunca morreu e se encontra bem entranhado no gosto do público, mas existem razões óbvias para esse regresso em força. A revista é descoberta do século XIX, vai buscar as suas raízes a Gil Vicente e outros clássicos, mas foi durante a ditadura que se impôs como exercício crítico do poder, com sorrisos gerados a medo, é certo, e muito causticada pela censura, mas era ali, no Parque Mayer, que se exorcizavam os demónios da tirania.

Julgo que alguma coisa mudou no Portugal actual para justificar este retorno. Claro que não vou agradecer ao governo que temos por revitalizar inconscientemente a revista à portuguesa, mas este facto não deixa de ser sintomático.

*Cineasta
Escreve à sexta-feira*